



UM CONTO DE FADAS NAPOLITANO PARA D. JANUÁRIA: O CASAMENTO DA PRINCESA E SUA IDA PARA A EUROPA.

Janaina Rita Silva de Souza

Mestranda do PPGH Unicap

rahnut@gmail.com

RESUMO: Este trabalho procura estudar os últimos momentos de D. Januária no Brasil, se concentrando no ano de 1844, quando a princesa se casa com D. Luís Carlos, Conde Áquila, em um contexto de casamentos nobiliárquicos ditados pelas regras da casa imperial do Brasil e com a aprovação das câmaras, ela pode finalmente desposar alguém, porém o que seria um final feliz se transforma em uma tempestade, tal qual a que foi immortalizada na tela pelo príncipe napolitano, nossos objetivos são: entender como o casamento de D. Januária modificou as relações dentro da família imperial, compreender a ida da princesa a Europa em outubro de 1844, identificar a rede sociabilidade formada pela imperatriz D. Teresa Cristina e a princesa brasileira, a metodologia foi a pesquisa bibliográfica em obras como D. Pedro II uma história não contada de Paulo Rezzutti e D. Januária, a princesa da independência de D. Carlos Tasso de Saxe -coburgo e Bragança, além de comparar com documentos pesquisados no arquivo do Grão -Pará e jornais do comércio extraídos da biblioteca nacional, neles aparecem documentos primários de D. Januária e de D. Teresa Cristina, notas informando sobre a partida da então princesa imperial na Europa, assim D. Januária chega a uma nova corte, ade Nápoles para viver junto ao esposo, porém esse é um conto de fadas nada feliz, principalmente pelas relações com Francisco II das duas Sicílias que exilou todos os tios, incluindo Luis Carlos e a vida ao lado de um marido com uma energia caótica, com isso temos a demonstração de uma trajetória feminina na nobreza do século XIX, contrariando o suposto ideal de felicidade presente nos contos da Disney, onde príncipe e princesa são eternamente jovens e felizes e não estão sacudidos pelo contexto histórico do século XIX na Europa e suas consequências diretas em suas existências.

Palavras-chave: D. Januária, Casamento, Mulher.

INTRODUÇÃO

Era uma vez, uma princesa imperial do Brasil em idade de se casar, porém esse casamento só aconteceria com a aprovação das câmaras, pelo fato de que elas controlavam as decisões que seriam tomadas com base na diplomacia, com isso, pensavam está garantindo a soberania do império.

A princesa imperial, não poderia realizar nenhuma ação sem comunicar a assembleia legislativa para colocar, o pedido de viagem, por exemplo, em votação, pois ela era a segunda pessoa na linha sucessória, abaixo do imperador, isso era definido pela constituição de 1824, nela estão os artigos que definem o reconhecimento do herdeiro do trono.

Um dos argumentos que foram utilizados durante as discussões do projeto de lei que reconhecia dona Januária como princesa imperial, era o fato de que isso atrapalharia as negociações para um casamento da princesa que na época tinha 13 anos, pois a acâmara deveria aprovar a escolha do candidato e o contrato de casamento que seria feito entre os noivos.

No império Brasileiro, as mulheres das mais variadas classes se casavam cedo, um pouco depois de sua primeira menstruação, muitas vezes esses enlaces matrimoniais eram feitos com homens que tinha o dobro de sua idade; no caso das princesas começam-se a procurar candidatos a noivos desde que elas entram na juventude pois no século XIX não existia a ideia de adolescência que temos atualmente.

Temos a ideia do papel feminino que era atribuído a uma princesa, no sentido de casar e gerar herdeiros para a sua dinastia no caso de dona Januária isso fica bem mais explicito, pelo fato do título que ela carregava, sendo a próxima da linha de sucessão depois do imperador Dom Pedro II então ela deveria cumprir seus deveres para com o império e com a família real.

No século XIX temos a ideia de papéis de gênero definidos socialmente, no sentido de que a mulher se encarregava dos cuidados com a casa e com os filhos que seriam frutos do casamento, essa ideia também era reproduzida na aristocracia, as princesas precisavam demonstrar habilidades para serem futuras esposas e mães, assim estariam cumprindo seu dever.

Usualmente a educação feminina nesse recorte de raça e classe, tinha por base estudos de História, Geografia, idiomas, música, dança e canto, as ciências exatas ficavam a cargo dos homens, embora as crianças imperiais assistissem as aulas juntas em algumas disciplinas, outras eram destinadas a formação do jovem monarca.

Durante a juventude de D. Januária, o Príncipe de Joinville visita ao Brasil no final da década de 1830 e ele deixa uma descrição sobre as princesas no seu diário:

Começarei dizendo que eu estava tão embaçado com todo esse cerimonial que não vi dessas pobres princesas senão o acanhamento e os dentes que são horríveis. Tinha no quarto um regimento de senhoras e, na frente delas, uma velha rabugenta que era a governanta delas. Fiz uma profunda reverência e murmurando uma frase, entreguei á princesa Januária uma carta da rainha. (ORLEANS, 2006, p. 27).

O príncipe faz críticas ao cerimonial da corte do Rio de Janeiro, o qual considera antiquado, sobretudo a presença de inúmeras damas que na regência, cuidavam do bem-estar de D. Pedro II e de suas, no entanto, quando começa o segundo reinado, seu número é reduzido, ficando apenas algumas mulheres para a companhia da nova imperatriz; Dona Januária assume o papel de líder dos irmãos por ser a mais velha deles, mas nesse contexto o irmão já está se tornando o chefe do pequeno núcleo familiar que morava no paço de São Cristóvão.

Discutimos as questões de beleza do romantismo aonde as mulheres com um biotipo germânico igual a Elizabeth da Baviera, a futura Imperatriz Sisi, eram modelos de beleza, enquanto, D. Januária que era baixinha não se enquadrava nesse padrão, embora tivesse parentes no império austro-húngaro.

Com isso, o fato dele achar as princesas pouco atrativas, se dá pela questão de que elas não vão seguir a moda Europeia no sentido de que vão adaptar suas vestimentas ao clima tropical, o que inviabiliza, por exemplo, o uso das luvas de seda como nas cortes do velho continente, porém isso não impede de Joinville trazer um pouco de alegria aos jovens imperiais no baile que ele deu em sua fragata.

1 EUGÊNIO DE SABÓIA

A fragata de Eugênio de Saboya aportou no Rio de Janeiro, trazendo consigo além de uma enorme vontade de explorar o desconhecido, a expedição trazia um jovem

príncipe em visita São Cristóvão ele e dona Januária se conheceram; as relações no século XIX se davam muito diferente de hoje no sentido de que os dois apenas se cumprimentaram e se falaram uma ou duas frases.

Parecia que D. Januária apreciava Eugênio. No dia 11 de março, foi realizado em São Cristóvão um grande baile pelo aniversário de dona Januária. O príncipe italiano foi o convidado de honra. Já havia rumores de um eventual noivado da princesa. A condessa de Belmonte, ao que tudo indica, transmitiu os maiores elogios de dona Januária ao exuberante e espirituoso real visitante. (BRAGANÇA, 2022, p. 36).

Nesse trecho D. Carlos Tasso enfatiza o apreço que os jovens tinham entre si e isso era percebido pelos criados do Paço, mas um casamento real não depende apenas de amor ou paixão, mas eram sobretudo uniões que selavam acordos entre duas coroas;

A aprovação do casamento do lado de dona Januária dependia das câmaras e das negociações diplomáticas, do lado do Príncipe de Piemonte dependia da aprovação paterna, pois ele tinha que ter autorização para pedir a mão da princesa e para casar, quando as tratativas diplomáticas são iniciadas percebe-se que não há entendimento entre os diplomatas brasileiros e os piemonteses, então, o projeto de casamento dos jovens príncipes deveria ser abandonado.

Com isso, dona Januária viu seus irmãos se casarem antes dela, a primeira foi a princesa Francisca com o Príncipe de Joinville, eles se casaram em maio de 1843 e a Belle Françoise partiu para corte do rei Luiz Felipe no mesmo ano, inclusive nesse momento estavam acontecendo as tratativas para o casamento do imperador com a princesa Teresa Cristina das Duas Sicílias.

O casamento por procuração aconteceu em Nápoles, no dia 30 de maio de 1843 data em que se festejava o dia do nome do rei Fernando II das Duas Sicílias, a cerimônia de entrega de dona Teresa foi feita no final de junho de 1843 e a Nova Imperatriz chegou ao Brasil no dia 3 de setembro desembarcando no dia 4 do mesmo mês.

2 UM PRÍNCIPE ENCANTADO?

Luis Carlos de Bourbon nasceu no dia 19 de julho de 1824, é sempre descrito pela historiografia como um príncipe de temperamento forte, ele era oficial da Marinha de

Nápoles e veio ao Brasil acompanhando os navios que traziam a nova imperatriz para seu novo lar.

As carruagens estavam enfileiradas no cais do porto. O segundo coche estava previsto, pelo protocolo, para o transporte da princesa imperial em companhia do irmão da imperatriz. O trajeto do cais até São Cristóvão era demorado naquele tempo. Durante a viagem, os jovens tiveram tempo de se conhecer pelo menos protocolarmente. (BRAGANÇA, 2022, p.48).

Dom Carlos Tasso relata nesse trecho o encontro dos jovens príncipes durante as comemorações do casamento de seus respectivos irmãos, as vidas deles não haviam sido contos dourados, mas existências marcadas pela solidão, ela como líder dos irmãos e ele como um dos filhos mais novos do rei das Duas Sicílias.

Aniello Angelo Avella descreve esse momento com tons mais românticos, “foi suficiente aquela viagem na mesma carruagem durante as festas que celebravam o matrimônio de D. Pedro e Teresa Cristina para realizar o que a diplomacia e a razão de Estado não tinham conseguido”¹, segundo ele, o entusiasmo dos dois passaram na frente das razões diplomáticas.

Porém voltamos ao tópico anterior as permissões que deveriam ocorrer de ambos os lados para o casamento dos príncipes, nesse contexto D. Januária precisava de um duplo consentimento, pois D. Pedro II como chefe da casa imperial deveria emitir o aval para união, além da aprovação das câmaras, no caso do príncipe Luís Carlos, ele precisava que o irmão aceitasse a união.

Não seria fácil, pois como princesa imperial, D. Januária não podia viajar sem consultar as câmaras, até que o irmão tivesse herdeiros, ou seja, seu esposo teria que residir no país, porém dessa vez a diplomacia se entendeu, o tratado de casamento foi assinado em janeiro de 1844.

O príncipe chegou ao Brasil em 19 de abril de 1844 e o casamento aconteceu na antiga sé do Rio de Janeiro no dia 28 de abril daquele mesmo ano, com uma noiva feliz por ter encontrado seu par, sua vida enfim começava.

¹ (AVELLA, 2014, p. 68).

3 CASOS DE FAMÍLIA

As personalidades de nossas personagens neste ponto são divergentes, de um lado temos o conde de Áquila, extrovertido e alegre, tendo conquistado sua jovem esposa, por conta dessas qualidades, D. Januária tinha personalidade mais retraída, porém como esposa do século XIX, devia obediência ao marido.

Na outra ponta estão D. Pedro II que tinha uma personalidade introvertida, no início de reinado e D. Teresa Cristina que tinha um temperamento forte, mas seguia a normas sociais de sua época e no meio disso o mordomo do Paço Paulo Barbosa, que não tinha apreço pelo príncipe napolitano.

A trama se desenrolou durante o ano de 1844, quando os recém-casados moravam no paço da cidade, onde Paulo Barbosa usou a trama de colocar o governo nas mãos de D. Januária para acirrar os ânimos entre os cunhados:

O poder do mordomo Paulo Barbosa se fez sentir na prática. A antiga dama de d. Januária, e sobrinha de Dadama, d. Joaquina de Verna e Biilstein, foi destituída por uma guarda á porta do Paço da Cidade. De repente, a princesa imperial se viu separada de sua mais antiga companheira, depois da irmã. (Rezzutti, 2019, p 162).

Nos meses que seguiram a demissão da dama de companhia da princesa, os condes de Áquila sofreram um isolamento sistemático dentro da corte brasileira, inclusive alguns diplomatas e ministros deixaram de dirigir a palavra ao príncipe napolitano, o fato que coroa esse momento é o aniversário do casamento de D. Pedro, onde a irmã do mesmo não foi convidada para as celebrações.

Paulo Barbosa estava metido até o pescoço nessa trama, porém é ingenuidade do historiador achar que só ele teve a culpa nisso tudo, D. Pedro II teve sua parcela nesse contexto, por se deixar manipular, mas não cabe ao profissional da história julgar, porém para os Áquila a corte do Rio de Janeiro mais parecia um inferno nos trópicos do que um paraíso terreal.

Eles queriam partir do Brasil para a Europa, mas como dito anteriormente, o fato de D. Januária ser princesa imperial do Brasil os prendia aqui e também temos a questão de que o imperador ainda não tinha herdeiros diretos.

Diante do impasse, Áquila solicitou a ida princesa para Europa para tratamento de saúde. D. Pedro II consentiu unicamente porque o cunhado ameaçava partir mesmo sem permissão oficial. Assim que d. Pedro deu o consentimento o conde preparou-se para embarcar com a princesa. (Rezzutti, 2019 p. 164-165).

Assim terminava a fase da vida de D. Januária no Brasil, ela saiu da terra que a viu nascer, ela deixou o país adulta casada e buscando um novo começo na Europa junto aos familiares do esposo, com a possibilidade de ver um horizonte maior que o Rio de Janeiro.

4 VIDA NA EUROPA

Em 1857 os príncipes se instalaram em uma vila na baía de Nápoles, cujo nome La Brasiliana foi dado em homenagem a princesa brasileira que caiu nas graças da nova família; no ano de 1845 nasceu Luís, o filho mais velho, no ano seguinte Maria Isabel Leopoldina e Felipe em 1847, essas crianças sobreviveram ao primeiro ano de vida.

Maria Isabel faleceu no fim da infância em 1859, deixando sua mãe imensamente triste, enquanto viveu Fernando II, os condes de Áquila tinham liberdade, porém tudo mudou quando o rei morreu e subiu ao trono Francisco II, sobrinho de Luís Carlos, o novo rei não tinha apreço pelos tios, exilando todos eles, inclusive os Áquila.

Com a queda do reino das Duas Sicílias, por conta da unificação italiana, eles se mudaram para Londres e depois foram para Paris, a família acabou se instalando em Nice, no sul da França, a vida de D. Januária, diferente dos contos de fada não foi fácil, seu marido administrava o dinheiro de sua dotação e as demais propriedades, o que era comum no século XIX.

Áquila gostava de jogar, assim arruinou o patrimônio familiar nos cassinos, o fim da vida da princesa imperial é junto ao seu filho mais velho, Luís, único que teve descendência, Felipe foi se casou e foi morar nos Estados Unidos; ela via modestamente, já que com a república foi privada de sua dotação, ela deu seu último suspiro em 13 de maio de 1901, sendo a última de seus irmãos a falecer.

O conde Áquila faleceu no ano de 1897, suas fotos, já idoso, causam um impacto no historiador que a vê, pois, ele é um príncipe que é retratado jovem e com um ar de esperança, mas o que temos na imagem é um idoso de semblante triste e olhar cansado,

em nada se parece com o destemido marinheiro que atravessou oceanos e desafiou um imperador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

22 de agosto de 1874 Minha querida mana

Teresa

Como tenho o vapor da Inglaterra do 24 não quero deixar te dar notícias novas. Eu [sic] melhor com o fígado. Pesquiso breve um melhor com os científicos. De Luiz e [sic] que está bem e que abraça com o meu filho Luís beija a mão e eu te lo recomendo como o meu filho Filippo. Toda a tua família está bem o Francisco vai muito melhor, Clementina vai bem e teu com ela o filho um a um família. E a Del deseja alguns lindos dias. Aqui está [sic] com a família fugindo como tu tens a fuga nos jornais Chica está bem. Mas Chartres teve uma crise de um cavalo do regimento que lhe ferio junto do joelho me [sic] que deve estar alguns dias com o pulso estendido uns serão causa de cuidado. O rei de Nápoles me desejou que ilha de With. Te peço de abraço se possível em Isabel e netinhos. Como a condeça, D. Josefina e a todos os que se lembrão de mim.

Desta tua man afeiçoada e amiga

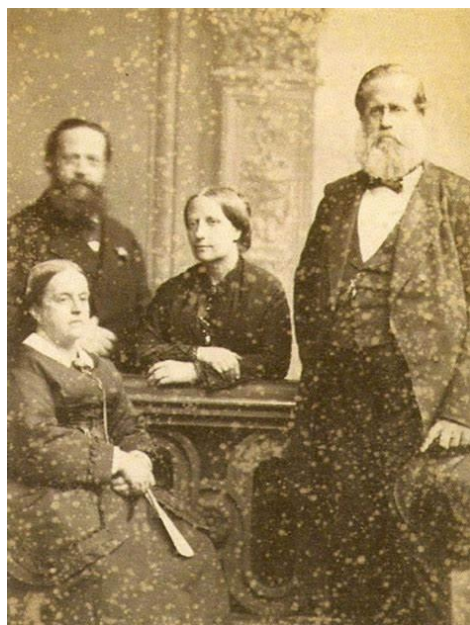
Januária

A existência de D. Januária se deu em meio as turbulências do século em que ela viveu, porém não deixa de nos demonstrar como vivam as mulheres da aristocracia de seu tempo, à vezes, as famílias se desentendem em algum momento, quando se trata da realeza isso se torna público e impacta a imagem que as pessoas tem da monarquia.

A carta acima é um demonstrativo de que as relações familiares nunca deixaram de acontecer, mesmo a distância, nela a princesa dá notícias a imperatriz dos parentes que viviam na Europa e que se encontravam quando D. Teresa acompanhava o esposo nas viagens, inclusive em uma delas temos um registro fotográfico dos dois casais, onde vemos D. Januária, D. Pedro, o conde Áquila e a imperatriz juntos.

Após o episódio com D. Januária, Paulo Barbosa foi passar uma temporada no velho continente, reassumindo seu cargo no Paço tempos depois, mas sem a mesma força dos anos iniciais do segundo reinado.

Figura 1: D. Pedro II, D. Januária, D. Teresa Cristina e o conde de Áquila, cerca de 1871.



Fonte: [Pedro II his wife his sister and brother in law - Januária de Bragança – Wikipédia, a enciclopédia livre](#). Acesso em 20 de dezembro de 2025.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 2021.
- AVELLA, Aniello Angelo. Teresa Cristina de Bourbon: uma imperatriz napolitana nos trópicos (1843–1889). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BRAGANÇA, D. Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e. Dona Januária, a princesa da independência. São Paulo: Senac, 2022.
- CARVALHO, José Murilo de. A construção nacional: 1830–1889. São Paulo: Objetiva, 2012.
- ORLÉANS, François Ferdinand Philippe Louis Marie d'. Diário de um príncipe no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- PRIORE, Mary del. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.
- REZZUTTI, Paulo. D. Pedro: a história não contada. São Paulo: Leya, 2015.
- REZZUTTI, Paulo. D. Pedro II: a história não contada. São Paulo: Leya, 2019.
- SANTOS, Lídia Rafaela do Nascimento. Luminárias, músicas e “sentimentos patrióticos”: festas e política no Recife (1817–1848). 2018. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- SILVA, Alberto da Costa e. Crise colonial e independência: 1808–1830. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

DOCUMENTAÇÃO:

AHMI — Arquivo Histórico do Museu Imperial. Carta de Dona Januária a Dona Teresa Cristina, Grão-Pará, 24 ago. 1874.